

VOZES DO BAIRRO: DEPOIMENTOS COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PLANO DE BAIRRO EM MARINGÁ

Prof^a. Dr^a. Beatriz Fleury E. Silva (Universidade Estadual de Maringá)

Brenda Emanuely dos Santos (Universidade Estadual de Maringá)

Julia de Castro Sousa e Silva (Universidade Estadual de Maringá)

brendaemanu.santos@gmail.com

Resumo:

Este trabalho apresenta o andamento da terceira fase do Plano de Bairro nos bairros Santa Felicidade e João de Barro I, em Maringá (PR), desenvolvido pelo projeto de extensão *A cidade construída coletivamente*, vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UEM e núcleo local do Br Cidades. Após a definição metodológica e a execução das etapas iniciais de diagnóstico comunitário — “a cidade sentida”, “a cidade percebida”, “a cidade real” e “a cidade viva e desejada” —, o projeto encontra-se na fase de sistematização de depoimentos da população. Essa etapa busca dar voz e rosto aos moradores, valorizando memórias, percepções e narrativas essenciais para compreender a identidade coletiva e os desafios da comunidade. Os relatos tornam-se insumos para formular diretrizes de planejamento urbano mais inclusivas, ao mesmo tempo em que revelam dificuldades e potencialidades de um processo baseado na participação popular.

Palavras-chave: BrCidades Maringá; Participação social; Direito à cidade; Planos de bairro.

1. Introdução

Desde a promulgação do Estatuto da Cidade – Lei nº 10.257/01 – a gestão democrática passou a ser princípio fundamental do planejamento urbano, orientando os municípios a garantirem participação popular. Nesse contexto, os depoimentos dos moradores se tornam instrumento de expressão cidadã, capazes de revelar memórias, demandas e expectativas que não aparecem em diagnósticos técnicos. No Plano de Bairro, baseado na escala local e na participação popular, esses relatos fortalecem a legitimidade do processo, como já demonstrado em São Paulo a partir do Plano Diretor Estratégico de 2014. Inspirado nisso, o BrCidades, em parceria com a assessoria técnica A.Comum, aplicou a proposta em Maringá nos bairros Santa Felicidade e João de Barro I, territórios marcados por remoções, estigmatização e precarização de

espaços públicos, propondo alternativas de planejamento a partir da escuta ativa e do fortalecimento da identidade coletiva.

Durante o projeto, iniciado em 2022, os depoimentos dos moradores foram identificados como fundamentais para compreender a visão comunitária. Nas entrevistas, surgiram desafios como timidez e receio de falar, mas também vozes ativas que expressaram com clareza os problemas do dia a dia. Adotando perguntas ligadas ao cotidiano, emergiram aspectos positivos, como eventos culturais na Praça Zumbi dos Palmares, e negativos, como a falta de transporte e serviços básicos. Esses registros foram transformados em vídeos para redes sociais, gerando debates que revelaram tanto apoio quanto preconceitos externos, reforçando a importância de dar visibilidade às experiências locais. A experiência mostrou, na prática, que o planejamento urbano não pode se restringir a normas técnicas, mas deve reconhecer que a cidade só ganha sentido a partir das pessoas, de suas memórias, vivências e lutas por reconhecimento e permanência.

2. Metodologia

A estratégia metodológica se apoiou em uma linha temporal que articula passado, presente e futuro, permitindo aos entrevistados refletirem sobre a comunidade, dificuldades e melhorias desejadas. Esse recorte evidenciou pertencimento e identidade do bairro, reunindo moradores de diferentes faixas etárias, desde idosos com memória das transformações até jovens engajados em atividades culturais, além de estudantes voluntários do Br Cidades Núcleo Maringá, com apoio da orientadora e da organização parceira A.Comum.

Foram utilizados registros em vídeo, áudio, roteiros de entrevistas, anotações e fotografias, aplicados em ambientes familiares como residências e a Praça Zumbi dos Palmares, estimulando a espontaneidade dos depoimentos. Também foram produzidas cartografias participativas e organizadas etapas que incluíram identificação de moradores, visitas domiciliares e ajustes metodológicos com questões mais cotidianas. Por fim, o material resultante foi transformado em vídeos divulgados em plataformas digitais, ampliando as falas e gerando debates sobre a realidade dos

bairros.



Figura 1 - " Série de vídeos "Vozes do Bairro"
Fontes : Instagram @brcidadesmg



Figura 2 - Entrevistas com a população



Figura 3 - Parte final " Vozes do Bairro "



Figura 4 - Curiosidades sobre os bairros Santa Felicidade e João de Barro

3. Resultados e Discussão

A experiência de coleta de depoimentos nos bairros Santa Felicidade e João de Barro I revelou resultados significativos para o conhecimento do território e a mobilização comunitária. Os relatos funcionaram como instrumentos de pertencimento, articulando memórias individuais em uma narrativa coletiva que evidencia identidade, práticas culturais e desafios locais. Idosos destacaram lembranças ligadas à origem e às lutas pela permanência, enquanto jovens ressaltaram atividades como grafite, hip hop e encontros musicais na Praça Zumbi dos Palmares, mostrando que o território também é espaço simbólico e cultural. Ao apontar problemas como precarização dos serviços, transporte deficiente e fechamento de equipamentos, os depoimentos estimularam reflexões críticas e mobilização social. A divulgação em plataformas digitais ampliou vozes e debates, fortalecendo a identidade coletiva e a legitimidade do Plano de Bairro.

4. Considerações

A experiência do projeto demonstrou que a escuta ativa dos moradores é fundamental para compreender as múltiplas camadas que compõem a vida comunitária em territórios populares. A coleta de depoimentos revelou tanto dificuldades enfrentadas no cotidiano, como a falta de infraestrutura e a sensação de

invisibilidade frente ao poder público, quanto elementos que fortalecem o pertencimento, como manifestações culturais e a mobilização em torno de espaços simbólicos do bairro. A divulgação dos relatos em vídeos nas redes sociais ampliou o alcance das vozes locais, possibilitando reconhecimento interno e diálogo com outros setores da sociedade, reforçando a identidade coletiva e expondo tensões entre a percepção de quem vive e de quem observa de fora. Assim, a metodologia adotada, ao articular escuta, registro e divulgação, contribuiu para reafirmar que o planejamento urbano deve ser participativo, servindo como base para experiências semelhantes e centralizando os moradores como protagonistas na construção do território.

Referências

GARCIA, Tatiane Boisa. ***A Trajetória das Ações Estatais na Habitação em Maringá de 1947 a 1986***. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2018.

ROCHA, Enid. ***A Constituição cidadã e a institucionalização dos espaços de participação social: avanços e desafios***. 20 anos da constituição cidadã: avaliação e desafio da seguridade social, Anfip, Brasília, 2008.

SOUZA, Priscila de Almeida. ***A desfavelização na cidade sem favelas: uma análise do PAC Santa Felicidade em Maringá-PR***. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 174, 2018.